«Participar nos projectos evangelizadores da Igreja, torna-se imperativo da nossa condição de baptizados»

No Sameiro, em 24 de Maio, Dia Diocesano, o Arcebispo de Braga desmascarou o evangelho do Saramago

ateu e comunista obcecado, autor de *«ma/nova»* ou *«caco/angelho»*.

Louvou a coragem do Sub-Secretário de Estado da Cultura — Dr. Sousa Lara — ao repelir esse livro blasfemo e ofensivo da dignidade dos portugueses cristãos.

«Temos o direito de exigir que, não só o responsável governamental, mas quantos detêm poder e influência nesta área, respeitem os valores cristãos».

— disse D. Eurico Nogueira

O AUTÊNTICO EVANGELHO E A SUA CONTRAFACÇÃO

Quero aproveitar esta ocasião — por não me parecer vir a despropósito, antes pelo contrário — para referir e comentar um acontecimento, a que artificialmente se tem dado foros de nacional e mesmo internacional. Tudo isto em termos que, numa análise fria e objectiva, assume aspectos verdadeiramente ridículos, com a *montagem de uma campanha, à qual não vem de lubrificante o interesse financeiro, a máquina partidária*, a paixão clerical e também o ateísmo militante e o anti-clericalismo serôdio de alguns representantes da praça caseira de intelectuais e escritores em moda.

A «bomba» cuidadosamente preparada e anunciada fez-se explodir há meio ano. Desde então uma bem montada *orquestração publicitária*, com conferências de imprensa, anúncios, debates radiofónicos e televisivos, actuando aqui e além fronteiras, tem procurado e conseguido — graças à *sociedade de consumo em que mergulhamos* e de que se aproveitam mesmo aqueles que teoricamente a denunciam — os objectivos ambicionados: *proventos pecuniários, promoção do autor, escândalo na praça pública, insulto impune e gratuito à religião cristã e seus fiéis.*

Depois de todo este tempo de silêncio em que me conservei, por julgar não valer a pena lançar achas na fogueira, na qual o autor do escândalo e seus apaniguados julgam reduzir a cinzas pessoas e instituições que resistem a todos os perseguidores, desde os Neros de há dois milénios até aos Estalines do nosso século, entendi submeter algumas considerações a esta assembleia, invulgar e qualificada.

É que *a defesa da Boa Nova do verdadeiro Evangelho, frente aos ataques insidiosos da mánova, ou cacoangelho do autor em causa, é dever sagrado dos cristãos: fiéis e pastores.*

Todos sabem do que se trata.

Um escritor português, *ateu* confesso e *comunista* impenitente, como ele mesmo se apresenta, resolveu reelaborar uma delirante vida de Cristo, na perspectiva da sua ideologia político-religiosa e distorcida por aqueles parâmetros.

O resultado, *num ateu pouco honesto e comunista obcecado* — pois há ateus muito sérios e comunistas sinceros e consequentemente dignos do respeito e amizade de qualquer cristão — está à vista: *um livro blasfemo, espezinhador da verdade histórica e difamador dos maiores personagens do Novo Testamento*, como Nossa Senhora, São José e os Apóstolos, além de Cristo, o principal visado; e, por isso mesmo, *insultuoso para os cristãos crentes; para todos nós.*

Entre as muitas apreciações vindas a público por parte de críticos competentes e insuspeitos, encontram-se expressões como estas: *«catálogo de banalidades»* e livro que *«não tem qualquer cobertura histórica»* (Vasco Pulido Valente, «Kapa» n.º 16, Jan. 91); *«apócrifo tardio»* (Manuel Simões, «Brotéria», 134, p. 407-21) ou *«pseudo-evangelho apócrifo e de mau gosto que não é honesto mas é comercial»* (Carlos Azevedo, ibidem); romance que *«peca por ignorância cultural»* (J. Sousa Monteiro, «D.N.», de 29-11-91).

Não se diga, como fez o autor que se trata de uma obra de ficção. O romance não pode ter como figura central uma pessoa viva; ora Jesus continua e continuará bem vivo no mundo e em cada um dos cristãos convictos. E sobretudo não pode vilipendiar, enxovalhar e caluniar, fingindo fazer teologia e interpretação bíblica, *chegando ao ponto de apelidar São José de «criminoso»*.

Crime punível na generalidade dos códigos penais é sim a difamação e calúnia.

A apregoada beleza literária, a existir nesta obra, longe de atenuante e muito menos dirimente, constitui circunstância agravante da culpabilidade do réu, seu autor. Quando decaída, aquela pode tornar-se «libertinagem», ou *«prostituição mental»*, como se escreveu a propósito.

O mais sintomático, no meio de tudo, está no facto de *se alguém, justamente agravado no seu íntimo se atreve a censurar ou protestar contra o desaforo, logo os «gansos do Capitólio» se erguem num grasnar ensurdecedor* contra o obscurantismo, a repressão da força criativa e o eterno espantalho da Inquisição (que seria desses escritores se ela não tivesse existido!...), em nome da liberdade de pensamento e de expressão.

Como se esta liberdade não fosse condicionada e limitada pelo bom nome dos outros! *Todo o homem bem formado e educado sente como feita a si a ofensa ao pai e mãe, irmãos e amigos.* Por isso todos nós sentimos agravados.

FAÇA ROMANCES DOS FIGURÕES E DAS GESTAS DO SEU COMUNISMO!

E *esse escritor tem tantos assuntos em que pode realizar a sua vocação...*

Por que não aproveita os seus heróis como, entre outros, Marx e Lenine, Estaline e Mao-Tse-Tung, e também senhoras como Rosa Luxemburgo e Dolores «Passionária»?

Por que não se debruça sobre temas apaixonantes como os arquipélagos de Gulag, os hospitais psiquiátricos e *campos de reeducação política da defunta U.R.S.S.*, o massacre da Katyne e os milhões de vítimas das «purgas» estalinianas?

Por que não explica alguns *«saneamentos» levados a cabo entre nós no período*, para ele áureo, do *PREC*, inclusive *com a sua intervenção decisiva, como os de três dezenas de competentes jornalistas do «Diário de Notícias»*, quando neste detinha responsabilidades directivas? A propósito de tão condenável sinal de intolerância, já se escreveu que, naquele período, o D.N. «foi o jomal do P.C., o jornal da censura, o jomal da vergonha» (Rui Tovar, «O Diabo», de 12-5-92) e que *o autor em causa «que hoje veste perante a Europa a túnica branca dos supliciados e se dá por testemunha do renascimento da Inquisição, foi há poucos anos o Inquisidor-mor do Reino* e pediu, ou permitiu que se pedisse em público e por escrito, o silêncio, o castigo e sangue dos seus inimigos» (Vasco Pulido Valente, «O Independente», de 15-5-92).

Ai das *duas medidas e a hipocrisia de tantos homens e mulheres*, de quem era de esperar comportamentos bem diversos!...

UM ATAQUE «AD ODIUM»

Porque um membro do Governo, no desempenho de uma tarefa que lhe foi cometida na qualidade de sub-secretário de Estado da Cultura, não colocou o livro blasfemo no topo de uma lista de três candidatos a um concurso europeu, «caiu o Carmo e a Trindade».

Não houve insulto que não fosse proferido contra o «grande inquisidor», com exigência clamorosa da aplicação imediata da «pena de morte», por «decapitação» ou «combustão» por auto-proclamado «juízes» que tremem a pensar na forca e fogueira dos «autos de fé», embora delirem a falar, com morbidez, dessas tristes aberrações de um passado, felizmente já muito remoto.

E *fizeram de um caso banal — até porque o autor visado não detinha qualquer direito constituído à escolha*, e naturalmente outros foram também preteridos — *um verdadeiro problema internacional* e autêntico *«casus belli»*.

Que vergonha! Que cegueira! Que faciosismo!

No entanto *ele agiu nobremente, de acordo com as suas convicções* e no *respeito louvável da consciência da generalidade do povo português*, o que parecem incapazes da fazer ou compreender os seus algozes.

Agiu talvez com demasiada *frontalidade* e ingénua sinceridade, *numa sociedade desonesta*, em que a hipocrisia e demissão parecem moeda corrente.

Não pensou que *é arriscado ser cordeiro no meio de lobos.*

Não reparou na multidão de cristãos que continuam a ser empurrados, aqui e além, para a *via-sacra*, pelos Herodes, Pilatos e centuriões de todas as épocas, sem excluir a nossa.

Coragem! Na dolorosa caminhada do Calvário nunca faltam o Cirineu e a Verónica, a Mãe de Jesus e as santas mulheres, João Evangelista e José de Arimateia.

Também eu quero marcar a minha presença junto do Sub-Secretário de Estado da Cultura, tornado «bombo da festa» na sádica provação de um pretenso julgamento popular, tomando-me um dos «poucos que assumiram uma postura sincera» (Vide José António Saraiva, «Expresso» de 23-5-92).

Temos o direito de exigir que, não só o responsável governamental, mas quantos detêm poder e influência nesta área respeitem os valores cristãos: se não puderem amar, ao menos não insultem o Senhor Jesus, não deturpem o processo redentor, não falsifiquem a verdade histórica, nem enxovalhem a identidade do povo português. Suponho ser este o parecer e exigências dos milhares de cristãos bracarenses que integram esta assembleia.

Fico serenamente à espera das pedradas, insultos e escárneos habituais, em ocasiões e atitudes deste género, por mim conscientemente assumidas.

Não me causam medo, pois *já estou acostumado...*

A minha já longa vida, variada experiência em situações bem difíceis e a coerência comigo mesmo vacinaram-me contra tudo e todos. Aliás os infindos exemplos atinentes, desde Santo Estêvão, nos tempos apostólicos, até ao meu imediato Predecessor, em anos recentes, são reconfortantes.

Em Moçambique fui ameaçado de morte, em pleno dia e no centro da cidade de que era Bispo, há vinte e poucos anos, por um jovem militar, então muito defensor do sistema colonial e que, tempos depois no período revolucionário, parece ter dado nas vistas por um anti-colonialismo exacerbado, de pistola na mão.

Em Angola, durante o inoperante «governo de transição», fui ameaçado de morte por uma jovem «revolucionária» — a concluir pelo ímpeto e tom de voz — que me telefonou, noite dentro quase de madrugada, a perguntar se «estava preparado para morrer». Provavelmente a «activista», para mim desconhecida, terá regressado há muito a Portugal, curada do seu ingénuo e impetuoso revolucionarismo.

Em Portugal, mesmo sem ameaças prévias, fui mimoseado com socos e pontapés num serão de Maio de 1976, junto à Sé-velha de Coimbra, por fogosos militantes de um minúsculo partido de esquerda, há muito a viver de balões de oxigénio e apoiado em muletas, se é que não tem sido este o seu mal crónico desde a nascença. Sucedeu isto quando era ainda Bispo em Angola; em Braga, para lá do que é do domínio público, não têm faltado cartas anónimas insultuosas, expressão de uma sub-cultura que ainda tardará em ser ultrapassada.

Lutar pela verdade e permanecer ao lado dos injustamente perseguidos e ultrajados constitui acto de sinal cristão.

Ser coerente e corajoso no comportamento privado e público é indeclinável dever de consciência.

Participar nos projectos evangelizadores da Igreja torna-se imperativo da nossa condição de baptizados.

VENDE-SE

Em Crespos, Celorico de Basto, 1 campo com área de 6500 m² com ramadas em toda a volta.

Contactar pelo telefone 055-321470.

Publicado no jornal «Terras de Basto» — o jornal da Região de Basto — N.º 216, de 30/5/1992

Tribunal Judicial de Celorico de Basto

ANÚNCIO

O DOUTOR ANTÓNIO ÁLVARO LEITE DE MELO, Juiz de Direito do Tribunal Judicial de Celorico de Basto.

FAZ SABER que neste Juízo e Tribunal correm termos uns autos de Carta Precatória, n.º 66/92, extraídos da Ex. Sumária n.º 749/89, 3.ª secção, 9.º Juízo Cível de Lisboa, que «A Caixa Económica de Lisboa», move contra MIGUEL MARIA MARTINHO MESQUITA e esposa LAURA COELHO LOPES MONTEIRO, residentes na Av.ª João Pinto Ribeiro, deste concelho de Celorico de Basto, e que foi designado para o dia **25 de Junho de 1992**, pelas **14,30 horas**, para arrematação em hasta pública — 1.ª praça — a venda de um prédio urbano «fracção B», a que corresponde o primeiro andar para habitação e quintal do prédio em regime de propriedade horizontal, sito na Av.ª João Pinto Ribeiro, Celorico de Basto, descrito na CRP deste concelho sob o n.º 32462 e inscrito na respectiva matriz sob o art.º 888, pelo preço base de 208.656$00,

É fiel depositário de tal imóvel o Senhor António Gonçalves, casado, residente na Av.ª João Pinto Ribeiro, Celorico de Basto, o qual, é obrigado a mostrar o referido imóvel a quem pretender examiná-lo — art.º 891º do CP Civil.

Celorico de Basto, 12 de maio de 1992

O Juiz de Direito

a) *António Álvaro Leite de Melo*

O Escrivão-Adjunto

a) *António Nogueira de Castro Mendes*

Casamentos ❖ Baptizados Festas

Agora em MONDIM DE BASTO, um serviço de requinte com o toque de classe, na decoração de casas, Igrejas e salas de reuniões, congressos e hotéis, pela mão e imaginação de

Maria de Lurdes Pinto Coelho

FAÇA A SUA MARCAÇÃO COM ANTECEDÊNCIA

Contacte na Casa da Tapada
ou pelos telefones 055-381171 ou 381558
4880 — MONDIM DE BASTO

MONDIM DE BASTO

PEDRAVEDRA

Vende-se terreno com 7.200 m².
Junto à Estrada Nova.
Com óptima vista.
Telf.: 381171.

FOTO CARLOS COSTA

Telefone 381605 — MONDIM DE BASTO
FOTOGRAFIAS, REPORTAGENS, CASAMENTOS, BAPTIZADOS, MATERIAL FOTOGRÁFICO

«TERRAS DE BASTO — O JORNAL DA REGIÃO DE BASTO» está ao serviço de qualquer terra da Região de Basto e do bem de todo o Povo Português. Interessa e toda a gente! — É informando e instruindo que a imprensa contribui eficazmente para o progresso dos povos» AJUDE O JORNAL «TERRAS DE BASTO» A REALIZAR ESTA NOBRE MISSÃO. — Depósito legal n.º 1696/83. Director e Editor: Manuel Oliveira Couto. Propriedade da Fábrica da Igreja Paroquial de Celorico de Basto. **Pessoa colectiva n.º** 501218068. **Sede e Administração:** «TERRAS DE BASTO — Jornal da Região de Basto» — Complexo Paroquial de S. Pedro — 4890 CELORICO DE BASTO (Distrito de Braga). **Telef.:** 055-321457. **Telefax:** 055-321772. **Assinatura anual:** 1.200$00 (pagamento adiantado no princípio de cada ano). Sai nos dias 15 e 30. Colaboração e correspondência até **8** e **22** de cada mês. Regito da D.G.C.S. n.º 107484 de 17-09-1980. Composto e impresso em offset na Tip. do «Diário do Minho» Telef.: 053-613415 — 4700 BRAGA. **Tiragem de cada edição:** mais de 7.000 exemplares. **Tiragem m. m.:** 15.300 exemplares. **Publicidade** — Contactar com as secretárias da Redacção, Maria de Fátima Nunes e Dora M. Magalhães. **Colaboradores** — António R. Coelho, Palmira A. Loureiro, Albano C. Teixeira, Manuel T. Lucas, Joaquim Carvalho, Albano C. Teixeira, Costa Pereira, Silva Araújo, José Arleiro, Armandino Lopes, Manuel C. Guedes, João G. Bastos, Mesquita Machado, Adolfo C. Marques, Francisco Botelho, João M. Clemente, Tony do Tâmega, Anselmo Cerqueira, Pinto e Cruz, Carlos Coutinho. **Desporto:** Pinto Leite, Mário Martins e Luís Sousa. **Fotografia:** Foto Joelito, Foto Carlos Costa.